

Bodozine



BODOZAL

Submerso no bodozal
Entre lama e caos
Bem no cu de Manaus

Eu existo
Sim, eu existo
Eu existo, insisto
e resisto

Resisto à morte matada
e à morte morrida
À família amputada
e à vida ferida
Ao sonho roubado
e a infância perdida
Ao direito solapado
e à vergonha despida

Sou palafita resistente
Resisto à chuva e ao calor infernal
Habito cada sonho insistente
nos olhos dos sobreviventes
desse bodozal.

Mauricio Braga



Giovanne Reis

LIÇÃO DE MORAL

Quando viu aquela bunda ossuda, ficou logo de pau duro. Não sabia se o que o excitava era a bunda em si ou o modo como ela se apresentava a ele naquele matagal. Nua e empinada. Desprotegida e vulnerável. Esperando ser comida.

Com movimentos firmes de macho decidido, sacou o pau, puxando-o por cima da cintura da calça, como quem saca um revólver, rasgou o plástico da camisinha do governo e equipou-se com ela. Precisava se proteger. Aquele cu podre devia estar cheio de doenças. Sabe-se lá por onde pode ter passado.

Pouco antes de penetrar, começou a tremer. Por um momento, a possibilidade de pegar uma DST mexeu com ele. Chegou a pensar em arrancar a camisinha e entrar de cabeça. Mas foi só por um momento. Como homem que era, rapidamente, se recompôs e voltou ao trabalho.

Meteu.

Enfiou com tudo e sem avisar a jeba endurecida. O cuzinho, que, momentos antes, estava encolhido de medo, rasgou-se. Não passou nem cuspe. De lubrificante, havia

apenas o pouco que vinha na camisinha vagabunda. Mas isso não era problema. À medida que o vaivém se intensificava, o pouco lubrificante misturava-se com o sangue que jorrava do rasgo e com a merda ainda presente no cu, possibilitando um bom deslizamento do instrumento.

Bora, safado! Geme!

Irritou-se porque o moleque já não lutava mais com ele. Desde que fora pego, deixou ser penetrado sem esboçar qualquer reação. Fora o cuzinho fechado. Devia estar com medo, suportando a dor e implorando pra acabar. Devia estar aprendendo bem. Pensar nisso enrijeceu ainda mais a sua jiromba. Se era desse jeito, ia se demorar o máximo que conseguisse.

Rasgou a camisa do moleque. Como um predador, analisou cada detalhe da costa esquelética do menino, frágil como a de uma bonequinha de plástico. Percebeu que uma cicatriz enorme, quase do tamanho da espinha dorsal, paralela a esta, só que um pouco mais à esquerda, atravessava aquela costa. Facada?

Sentiu vontade de lambe a cicatriz. Lambeu. Deliciou-se com o relevo que passava por sua língua e com

o gosto salgado que chegava às suas papilas. Nesse momento, os pelos do menino se eriçaram.

Tá gostando, é, veadinho? Perguntou com um sorriso de hiena no rosto.

Colocou-se, então, numa posição ereta, segurou firmemente a cintura de sua presa e começou a meter com mais força. Foi inventar de correr logo pro mato. Otário. O moleque soltou um berro de porco no abate e se cagou todo.

Filha da puta! Enfiou o pau petrificado cheio de merda com o máximo de força que conseguiu. A camisinha rasgou. Ejaculou dentro do cu cheio de bosta e sangue.

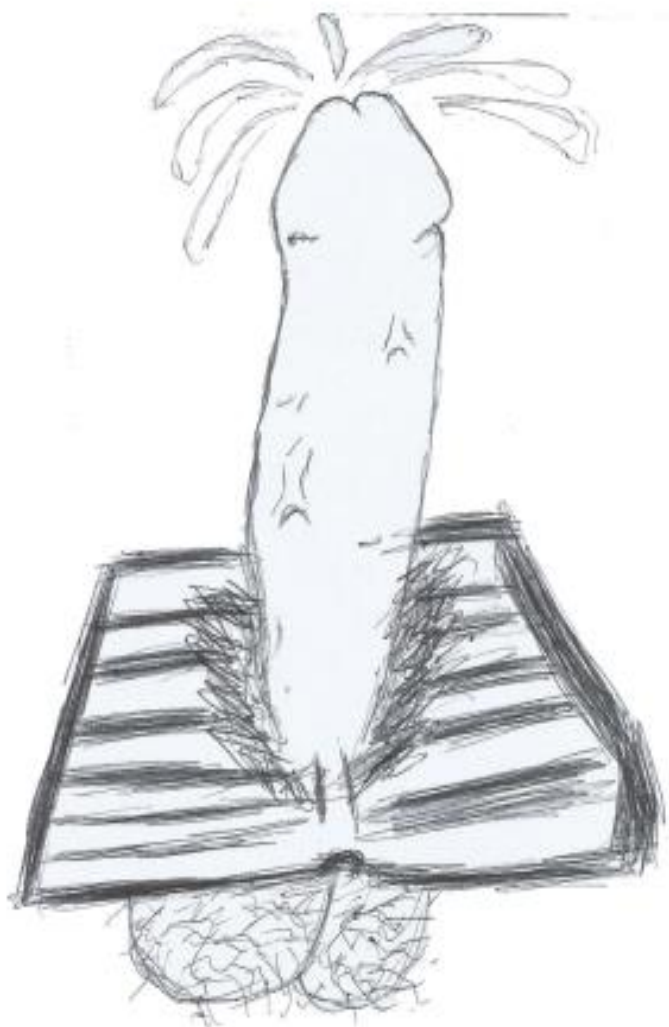
Isso é pra você, seu marginalzinho, aprender a nunca mais roubar a mulher dos outros. Disse, enquanto tirava rapidamente o pau e catava o celular no bolso da bermuda do moleque jogada num canto.

Teso, colocou o pau pra dentro, enquanto o moleque desempinava o rabo e desabava no chão. Caminhou até a saída do matagal, orgulhoso de ter ensinado uma lição àquele garoto. Exatamente como seu pai havia lhe ensinado.

Matheus Cascaes Lopes



Ismael Gomes



Giovanne Reis

O EDIFÍCIO

edifício sólido em concreto,
erigido ao rigor matemático,
colocado em frente ao espelho
inverte-se de cabeça para baixo.
Desmancha- si em cartas pássaros,
esculpi-se em retratos de sonhos disfarçados.
Abrija figuras dos lugares de espanto
Cabe num instante
Encaixa-si na epigrafe
Recobre-si de papel
Apesar de tanta solidez
Só é miragem a olhos crus
Dissolve na areia movediça da circunspecção
É castelo camaleão
É da mesma espécie
Só que de varias cores
Na verdade é só o desenho do engenheiro no papel

Breno Lacerda



Giovanne Reis





Giovanne Reis

A PRIMEIRA CEIA

Há 5 décadas atrás o problema da fome foi resolvido no nosso país, quando o presidente João Gray desenvolveu um revolucionário alimento chamado Faresto. O Faresto é um biscoito feito com restos de comida que, apesar do baixo valor nutritivo, alimenta. Matou a fome dos que tinham a barriga vazia e em pouco tempo substituiu completamente a alimentação da população pobre. Ninguém mais comia nada que não fosse Faresto, afinal era a única coisa que se podia pagar. Depois do seu surgimento, produtos básicos como arroz, feijão e carne, aumentaram de preço até se tornarem inacessíveis para a camada não-rica da população. Comida de verdade virou um privilégio das elites. E eu realmente pensei que nunca mais comeria um alimento real até o dia em que o meu melhor amigo, chamado Cadelo, entrou no modesto barraco em que eu morava.

– Mano, daqui a exato 1 mês vai ser meu aniversário. Vou fazer 33 anos! Vagabundo não vive tanto. 33 é o equivalente a 90 pra gente – falou com uma voz firme.

Eu nunca havia visto ele tão sério. Quase não estava reconhecendo aquele malandro que só andava com a Bíblia debaixo do braço porque usava as folhas pra enrolar cigarros de maconha.

Após um breve silêncio, eu disse: - Pois é, Cadelo. Muito louco. Temos que comemorar. Cheirar umas carreiras no rabo das putas.

- Eu quero fazer uma loucura, bicho. Quero comemorar o meu aniversário comendo comida de verdade. Sabe? Ovo, macarrão, linguiça...Tudo o que eu puder comer. Comida de verdade mesmo. Não a porra do lixo dos ricos. Cansei de comer sobra. Maldito seja essa porra de Faresto.

Pensei que era loucura, mas resolvi ajudar. Quando a gente não tem nada, não tem nada a perder. Seria tudo ou nada. Afinal, eu queria descobrir o que era saborear algo. Depois de uma alimentação exclusivamente a base de faresto, o nosso paladar já estava atrofiado. O Faresto era apenas uma massa sem gosto, igual uma hóstia.

Após aquela conversa, começamos a planejar o nosso grande ato. Ficamos o mês todo planejando. Conseguimos armas e comparsas. Coincidentemente, eu tinha um primo

que trabalhava como segurança na mansão de um ricoço que iria fazer uma grande festa justamente no dia do aniversário de Cadelo. O meu primo era honesto, mas não foi difícil convencê-lo a participar, pois no fundo ninguém resistia à possibilidade de comer um alimento de verdade.

Após tudo organizado, chegou o grande dia. O meu primo facilitou a nossa entrada na luxuosa mansão. Éramos 12 homens acompanhando Cadelo, armados até os dentes. Não demoramos a invadir o salão principal e a amarrarmos todos os bacanas endinheirados em um canto. E também não demoramos a ficar encantados com o banquete que estava posto à mesa. Peixe, frango, lagosta... comemos e bebemos desenfreadamente.

Ao final da ceia, um dos ricos que estava amarrado gritou:

- Pronto. Vocês já beberam e comeram à vontade, agora nos deixem em paz.

Ao ouvir isso, Cadelo se levantou da enorme mesa em que estávamos sentados, foi até o canto e puxou o endinheirado.

- O que você disse? - perguntou Cadelo.

– E-e-eu disse...pa-pa-para vocês nos deixarem em paz. Olhe ao redor, rapaz. É tudo meu. Eu me chamo Artur Borjes e sou um dos caras mais ricos da cidade. Eu sou o dono de tudo isso, e tudo isso pode ser seu. Basta você me deixar ir embora. Prometo que não vou envolver polícia nisso. Te dou a minha palavra.

Cadelo riu. Na verdade, gargalhou. E então bradou:

– Você não pode me dar o que é meu!

Cadelo então apontou a arma para a cabeça de Borjes e em seguida puxou o gatilho.

Borjes sangrou como um porco abatido.

Ao vermos aquela cena, brindamos e cantamos parabéns para Cadelo. No final ele ainda apagou uma velhinha.

Mauricio Braga



Giovanne Reis



Ismael Gomes



Giovanna Reis

Ele suspira. Um alívio. A causa do alívio foi o ônibus pego a tempo? Não sei. Sua expressão é triste. Um homem triste. Não sabe para onde ir? Será, assim, um homem igual a mim? Acho que quer chorar. Outro suspiro. Ultimamente este bairro está perigoso de mais. Talvez tenha sido roubado, por isso o suspiro. Por isso, a tristeza. Tem olhos de quem quer chorar. Se ele começar a chorar, eu choro também. E aquela moça? Ela também parece triste, mas não suspira. E aquele rapaz forte? O melhor que esse bairro pobre pode parir. Mas ele chora. E todos olham para ele. Choro compulsivo. Aquele choro que aperta o peito e renova a alma. Todos o olham; o homem do suspiro, a moça, eu, o cobrador. Ih, e agora? Todos choram. Assim como o riso, o choro é contagiante. Uma corrente elétrica em motores tristes só pode resultar nisso. Choro coletivo. E lá vai o ônibus. Só não chora porque é máquina, mas nem precisa, pois a cidade chora por ele. A cidade cinza, os homens morenos, as mulheres castanhas, os meninos bêbados; todos choram.

OPA!

Alguém rir! Alguém rir!

As flores estão florindo?

O céu está ficando azul?

O rapaz chorão ensaia risos tímidos?

UAU!...

Mas espera!

Mataram o engraçadinho. Tragam, por favor, o pano do pranto.

Bruno Bonates